

Em 1.º de fevereiro é nomeado vice-presidente do Senado e membro do Conselho Privado. Foi por essa ocasião que desposou Maria Isabel Sofia de Valeta, filha do marquez de Paniegas, parente da Imperatriz. Esse fato corresponde ao apogeu da sua vida.

Morreu em Argel como Governador Geral, em maio de 1864.

O Fundo Pelissier, conservado na coleção Raoul e Jean Brunon, possui 2.161 cartas e documentos. Cartas endereçadas ao Marechal, documentos por êle conservados e algumas poucas cartas por êle mesmo escritas. Dessa massa de documento foram escolhidas e estampadas neste volume 255 cartas das mais diversas origens, pois basta dizer que nesse fundo adquirido pelo Museu e pelo Exército em 1967, existem documentos de cêrca de 330 autores diferentes, desde parentes até o Imperador Napoleão III.

Recomendamos a leitura dessas cartas porque, através das mesmas, podemos fazer uma idéia do espírito reinante no exército francês dessa época, principalmente em relação aos civis, os parlamentares e principalmente os jornalistas. Além disso, através dessa correspondência podemos tentar reconstituir um grande número de fatos do reinado de Napoleão III tão deturpado por alguns historiadores.

E. SIMÕES DE PAULA

\*

\* \*

BURNS (E. Bradford) (Editor). — *Perspectives on Brazilian History*. Columbia University Press. New York & London, 1967, 235 páfs., US\$ 7,50.

E. Bradford Burns, professor associado de História na Universidade de Columbia, tem-se dedicado particularmente aos estudos brasileiros. Dentre seus trabalhos podem ser mencionados *Manaus, 1910* (publicado no *Journal or Inter American Studies*, vol. VII, nº 3, julho de 1965), pesquisas referentes à correspondência dos jesuítas no Brasil (cf. *The sixteenth-century Jesuit Letters of Brazil*, in *Historical Records and Studies*, vol. 49 (1962) e, especialmente, o volume *The unwritten Alliance — Rio Branco and Brazilian-American relations*. A história da política externa brasileira, aliás, continuou a interessá-lo, dando margem ao artigo *Tradition and variation in Brazilian Foreign Policy* (*Journal of Inter-American Studies*, vol. IX, nº 2, abril 1967). Contribuindo, ainda, para a divulgação de trabalhos de autores brasileiros em países de língua inglesa, o Prof. Burns, ao qual já era devida uma coletânea de textos de história do Brasil para uso de Universidades norte-americanas, reúne no volume em questão uma série de ensaios acêrca de historiografia, a saber: 1. — K. F. Ph. von Martius, *How the History of Brazil should be Written*; 2. — Pedro Moacyr Campos, *An Outline of Brazilian Historiography in the Nineteenth and Twentieth Centuries*; 3. — Caio Prado Júnior, *A Guide for Historiography of the Second Empire*; 4. — José Honório Rodrigues, *Problems in Brazilian History and Historiography, The Periodization of Brazilian History e Capistrano de Abreu and Brazilian Historiography*; 5. — Oilliam José, *The Periodization of the History of Minas Gerais*; 6. — João Capistrano de Abreu, *A Critique of Francisco Adolpho de Varnhagen*; 7. — Sérgio Buarque de Holanda, *Historical Thought in Twentieth-Century Brazil*. A êstes trabalhos acrescentam-se dois outros, abrindo e encerrando o volume, de autoria do Prof. Burns: uma introdução geral, abrangendo a historiografia brasileira do período colonial, e um utilíssimo ensaio bibliográfico.

A publicação do volume é feita sob o patrocínio do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, com assistência financeira da Fundação Ford.

PAULO P. DE CASTRO

\*  
\* \* \*

LARAIA (Roque de Barros) e MATTA (Roberto da). — *Índios e castanheiros. (A empresa extrativa e os índios no médio Tocantins)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 147 pp.

Há quatro séculos vem se propondo o problema das relações entre brancos e índios no Brasil e até hoje, após ter sido encarado sob os prismas religioso, racial, cultural e econômico, êle ainda não deixou de ser um problema. A exterminação de grande número de grupos indígenas e a sua assimilação pela população nacional reduziram os índios brasileiros a 2% da população atual. As perseguições e os conflitos sistemáticos ou esporádicos, o contágio de doenças desconhecidas antes do contacto com o europeu, a usurpação das terras necessárias a sua sobrevivência e o contacto desorganizador com grupos nacionais que dominam técnicas muito mais desenvolvidas colocaram os índios entre "os malditos da Terra". E ainda entre estes, a sua situação é particularmente trágica — a pequena densidade (100.000 para uma população total de 90.193.000) e a falta de recursos técnicos e de organização frente às instituições econômicas nacionais ou locais não lhes dão sequer recursos para se fazer ouvir. Por isso, gerações sucessivas de brailleiros ignoram totalmente a sua existência ou dêles recebem nas escolas e em livros didáticos uma imagem estereotipada, de seres infantis e ridículos, que podem se transformar em traiçoeiros assassinos. Em suas perambulações em busca da Terra sem Males, os índios têm encontrado apenas a Terra de todos os Males.

Os professores das escolas primárias e secundárias talvez pudessem modificar a situação do ensino a respeito dos índios brasileiros, através de uma visão mais realista e menos parcial, nos cursos de História, Geografia, Estudos Sociais e Organização Social e Política do Brasil. O trabalho dos etnólogos do Museu Paulista, do Museu Nacional e do Museu Emilio Goeldi pode ser uma das fontes para a modificação da perspectiva didática do problema indígena. O contacto maior com os diferentes grupos indígenas é capaz de torná-los menos estranhos aos indivíduos de outra cultura e, aos leitores dos trabalhos, apresenta as situações de contacto e de conflito através do ângulo do índio.

O livro aqui examinado é um desses trabalhos. Faz parte de um projeto mais amplo de estudo das áreas de fricção inter-étnica, como as denominou o autor do projeto e de estudos sobre os Terena e os Tukûna, o etnólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Êste livro contém dois estudos, um sobre os Suruí e os Akuáwa-Asurini e outro sobre os Gaviões do Médio-Tocantins.

Nessa região de economia basicamente extrativa, os brasileiros ocupados com a coleta e o comércio da castanha, têm contacto permanente com os índios, mas estabelecem tipos diversificados de relações e conflitos, conforme deparem com sociedades tribais já destruídas ou ainda em processo de desorganização. A estrutura interna das sociedades tribais, seu sistema de poder e a história de seus contactos com os brancos revelam uma face da situação. A inovação dos estudos ini-